

QUANDO O CORPO HESITA, O MUNDO SE ABRE: FILOSOFIAS DO AFETO ENTRE BERGSON, DELEUZE E O SUL GLOBAL

WHEN THE BODY HESITATES, THE WORLD OPENS UP: PHILOSOPHIES OF AFFECTION BETWEEN BERGSON, DELEUZE, AND THE GLOBAL SOUTH

 <https://doi.org/10.63330/armv1n6-024>

Submetido em: 15/07/2025 e Publicado em: 01/09/2025

Robson de Sousa Moraes

Doutorando em Arquitetura e Urbanismo pela UFBA; Docente na Universidade Estadual de Goiás (UEG);
E-mail: robson.moraes@ueg.br

Daniela Martins Botelho

Graduada em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás; Membro da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB - Seção Cidade de Goiás);
E-mail: profdane2011@gmail.co

RESUMO

Este artigo investiga o conceito de afeto nas obras de Henri Bergson e Gilles Deleuze, articulando suas formulações às contribuições de autores brasileiros contemporâneos — Marilena Chauí, Suely Rolnik e Vladimir Safatle. A pesquisa adota abordagem qualitativa, teórica e comparativa, fundamentada na hermenêutica filosófica. Parte-se da hipótese de que o afeto, compreendido como intensidade, variação de potência e acontecimento impessoal, constitui um operador fundamental na crítica à subjetividade moderna e na formulação de alternativas ético-políticas. Em Bergson, o afeto aparece como vibração da duração e hesitação do corpo, sendo inseparável da liberdade e da memória. Em Deleuze, assume a forma de variação de potência entre corpos, desafiando o modelo representacional e inaugurando uma política da criação e da diferença. As abordagens de Chauí, Rolnik e Safatle atualizam e tensionam essas concepções no contexto brasileiro, destacando a dimensão política do afeto como força de servidão ou de libertação, dispositivo de captura ou de resistência, sintoma do sofrimento ou vetor de recomposição coletiva. A análise aponta que o afeto não é um fenômeno subjetivo isolado, mas um campo de forças relacional que atravessa o corpo, o desejo e o tempo, oferecendo caminhos para a reinvenção dos modos de vida. A filosofia dos afetos, assim, torna-se central para pensar as potências críticas e criadoras da experiência contemporânea.

Palavras-chave Afeto; Subjetividade; Filosofia contemporânea.

ABSTRACT

This article investigates the concept of affect in the works of Henri Bergson and Gilles Deleuze, articulating their formulations with the contributions of contemporary Brazilian authors—Marilena Chauí, Suely Rolnik, and Vladimir Safatle. The research adopts a qualitative, theoretical, and comparative approach based on philosophical hermeneutics. It starts from the hypothesis that affect, understood as intensity, variation of power, and impersonal event, constitutes a fundamental operator in the critique of modern subjectivity and in the formulation of ethical-political alternatives. In Bergson, affect appears as a vibration of the body's duration and hesitation, inseparable from freedom and memory. In Deleuze, it takes the form of variation of power between bodies, challenging the representational model and inaugurating a politics of creation and difference. The approaches of Chauí, Rolnik, and Safatle update and tension these conceptions in the Brazilian context, highlighting the political dimension of affect as a force of servitude or liberation,



a device of capture or resistance, a symptom of suffering or a vector of collective recomposition. The analysis points out that affection is not an isolated subjective phenomenon, but a field of relational forces that traverses the body, desire, and time, offering paths for the reinvention of ways of life. The philosophy of affections thus becomes central to thinking about the critical and creative powers of contemporary experience.

Keywords: Affection; Subjectivity; Contemporary philosophy.



1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a filosofia dos afetos tem ganhado centralidade nos debates contemporâneos, sobretudo no cruzamento entre ética, estética e política. Longe de se restringirem ao campo das emoções ou dos sentimentos privados, os afetos despontam como potências capazes de reconfigurar modos de existência, romper automatismos da vida cotidiana e produzir novos regimes de sensibilidade. Nesse contexto, Henri Bergson e Gilles Deleuze apresentam contribuições decisivas para uma concepção não psicológica, não representacional e profundamente dinâmica do afeto, situando-o como vetor fundamental da experiência e da criação.

Henri Bergson, ao desenvolver uma filosofia baseada na duração e na memória, desloca o afeto de uma perspectiva passiva e o inscreve como movimento intensivo que atravessa o corpo e o tempo. A consciência bergsoniana, marcada pela heterogeneidade da duração, é antes de tudo um campo de virtualidades afetivas, onde o sentir emerge como vibração qualitativa e jamais como dado objetivo. O afeto, nesse sentido, é o que se dá entre o estímulo e a ação, como indicativo de liberdade e hesitação no tempo vivido (BERGSON, 2006).

Já Gilles Deleuze retoma e radicaliza essa concepção, principalmente a partir de sua leitura de Spinoza e do conceito espinosano de *conatus*. O afeto, em sua filosofia, é aquilo que aumenta ou diminui a potência de existir de um corpo, sendo inseparável da ideia de variação e intensidade. Como observa Deleuze (2002), os afetos não pertencem ao sujeito, mas a encontros entre corpos que se afetam mutuamente, gerando transformações no campo das forças. Ao invés de sentimentos interiorizados, os afetos são acontecimentos impessoais que atravessam corpos e produzem mundos.

O presente artigo busca analisar o conceito de afeto a partir dessas duas matrizes filosóficas, Bergson e Deleuze, articulando-as a três importantes autores brasileiros contemporâneos que tematizam o afeto em suas dimensões políticas, subjetivas e micropolíticas: Marilena Chauí, Suely Rolnik e Vladimir Safatle. A escolha por esses autores não se dá por mera afinidade temática, mas pela relevância que seus trabalhos assumem na atualização crítica dos conceitos deleuzianos e bergsonianos no contexto brasileiro, em especial no que diz respeito à crítica da racionalidade neoliberal, à defesa de uma política do desejo e à elaboração de formas de resistência baseadas na sensibilidade e no corpo.

Com base em uma abordagem teórica e qualitativa, o artigo se propõe a investigar como o conceito de afeto opera como força de transformação subjetiva e social, buscando identificar convergências e divergências entre os pensadores franceses e os autores brasileiros. O objetivo é compreender em que medida o afeto, pensado como potência e variação, pode constituir um campo de resistência à lógica produtivista, racionalista e individualista da modernidade ocidental.

A relevância da temática reside justamente na necessidade contemporânea de repensar os modos de existência, em um tempo marcado pela aceleração, pela indiferença afetiva e pela crise dos laços. Trata-se,



portanto, de pensar os afetos não como simples reações emocionais, mas como forças que reorganizam o campo da experiência, abrindo brechas para a criação de novas formas de vida. Para tanto, o artigo está estruturado em cinco partes: introdução; revisão da literatura sobre o conceito de afeto em Bergson, Deleuze e autores brasileiros; descrição da metodologia; análise dos resultados e discussão; e, por fim, as considerações finais.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 O AFETO COMO DURAÇÃO E MOVIMENTO EM HENRI BERGSON

O pensamento de Henri Bergson propõe uma reconfiguração radical da experiência do tempo e da consciência, tendo como base o conceito de *duração*, entendido não como tempo cronológico, mensurável ou linear, mas como tempo vivido, contínuo e heterogêneo. É no interior dessa temporalidade qualitativa que o afeto emerge como acontecimento intensivo, inseparável da experiência da memória, do corpo e da liberdade.

Bergson distingue, já em sua obra *Matéria e Memória* (2006), dois tipos de imagem: a imagem-percepção, voltada para a ação, e a imagem-afecção, relacionada à experiência interna e sensível do corpo. Essa distinção é central para compreender o afeto em sua filosofia. O afeto, segundo o autor, não é um simples efeito subjetivo de uma causa externa, mas uma espécie de "estado intermediário entre a percepção e a ação" (BERGSON, 2006), uma hesitação do corpo entre reagir e contemplar, entre mover-se e sentir-se.

Ao contrário da tradição cartesiana, que concebia o corpo como uma máquina passiva sujeita aos impulsos do mundo exterior, Bergson propõe uma concepção em que o corpo é um centro de indeterminação, capaz de refletir, hesitar e produzir temporalidades próprias. Nesse contexto, o afeto não é meramente uma reação fisiológica, mas um modo de ser do corpo em relação com o tempo. Ele é o índice de uma variação de estado, uma contração de duração que revela a espessura da experiência. Como explica o próprio Bergson:

“O afeto não é coisa, é movimento, modificação. É a consciência de uma modificação que se opera em nós sob a influência de uma causa exterior, e que tende a provocar uma reação motora” (BERGSON, 2006, p. 20).

A imagem-afecção, portanto, é o modo pelo qual o corpo se sente afetado por si mesmo, em sua zona de interioridade. Ela é inseparável do sentimento de si, não como identidade ou substância, mas como variação contínua. Nesse sentido, a teoria do afeto bergsoniana antecipa importantes deslocamentos na filosofia contemporânea, ao privilegiar uma ontologia da mudança e da mobilidade.



Outro aspecto relevante é o vínculo entre afeto e liberdade. Em *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*, Bergson (2005) argumenta que o sentimento de liberdade está ligado à duração pura, à medida em que os afetos que compõem a vontade não são sobrepostos externamente, mas emergem do próprio devir da consciência. A vontade, para o filósofo, não é uma decisão racionalizada entre alternativas, mas a cristalização de afetos que se acumulam e se intensificam na memória.

A memória, por sua vez, é concebida como um plano de virtualidades, onde os afetos passados permanecem como ressonâncias que podem ser atualizadas no presente. A distinção entre memória-hábito e memória pura, fundamental na obra bergsoniana, também se aplica à experiência afetiva: enquanto a primeira é repetitiva e orientada para a ação, a segunda é criativa, associativa e capaz de produzir novos sentidos. Assim, o afeto não é apenas uma sensação momentânea, mas uma força criativa que participa da construção da subjetividade.

Essa dimensão criativa do afeto será decisiva para autores posteriores, especialmente para Gilles Deleuze, que verá em Bergson não apenas um filósofo do tempo, mas um pensador das forças afetivas que atravessam o corpo e a experiência. Como nota Deleuze (2006), a filosofia bergsoniana abre caminho para pensar o tempo como diferença interna e o afeto como variação intensiva, sem jamais reduzi-lo a uma interioridade psicológica ou a um dado objetivo.

Em síntese, o afeto em Bergson é inseparável do tempo vivido, da memória e da liberdade. Ele se configura como uma modificação sentida, uma vibração do corpo em relação ao mundo, uma experiência que não é nem puramente subjetiva nem objetivável, mas intensiva e contínua. Ao deslocar o afeto do campo da representação para o da duração, Bergson oferece uma alternativa potente à filosofia da consciência e inaugura uma linha de pensamento que será retomada e expandida por Deleuze e por diversos pensadores contemporâneos.

2.2 O AFETO EM GILLES DELEUZE: INTENSIDADE, VARIAÇÃO E POTÊNCIA

A filosofia de Gilles Deleuze elabora uma concepção de afeto que rompe com a tradição psicológica e antropocêntrica, deslocando-o do domínio da interioridade subjetiva para o campo das forças, das intensidades e da variação imanente dos corpos. Influenciado por Espinosa, Nietzsche e Bergson, Deleuze entende o afeto não como um sentimento ou uma emoção, mas como aquilo que um corpo é capaz de fazer ao ser afetado por outro corpo, ou seja, como uma variação de potência.

No livro *Spinoza: filosofia prática*, Deleuze (2002) afirma que “um afeto é uma passagem (ou transição) de um estado de potência de um corpo para outro”. O afeto, portanto, não se refere a uma representação mental ou a uma emoção consciente, mas a uma modificação real na potência de agir. Trata-se de uma mudança na capacidade de um corpo ser afetado e de afetar outros corpos. Nesse sentido, os



afetos não pertencem ao sujeito, mas ao plano dos encontros entre corpos, constituindo-se como eventos pré-individuais e impessoais.

Essa concepção se radicaliza na obra *Mil Platôs*, escrita em parceria com Félix Guattari. No “Platô 1” (DELEUZE; GUATTARI, 1996), os autores desenvolvem o conceito de Corpo sem Órgãos, que se refere à liberação dos fluxos corporais para além das funções orgânicas e sociais normativas. O corpo sem órgãos é o campo dos afetos e das intensidades puras, onde o corpo já não está organizado segundo um modelo funcional, mas se abre ao devir. O afeto, nesse contexto, é inseparável da experimentação de novos modos de existência.

Para Deleuze, os afetos são forças que escapam à representação, são variações que afetam diretamente o corpo, antes mesmo de serem nomeadas ou interpretadas. Como ele escreve em *A Ilha Deserta*: “Os afetos não são sentimentos pessoais, mas devires impessoais. Não dizem respeito ao sujeito, mas ao acontecimento que o atravessa” (DELEUZE, 2006).

Essa abordagem possibilita compreender os afetos como elementos centrais da criação e da resistência. Na medida em que um afeto é sempre uma modificação na potência de existir, ele pode operar tanto como força de sujeição quanto como força de libertação. É nesse ponto que a filosofia deleuziana se articula a uma ética da experimentação: trata-se de ampliar os encontros que aumentam a potência e de evitar aqueles que a diminuem.

A intensidade, nesse contexto, é o modo de existência dos afetos. Não se trata de grandezas mensuráveis, mas de qualidades vividas, de diferenças de nível que produzem mudanças no ser. O afeto, como intensidade, é o que atravessa os corpos, provocando transbordamentos, rupturas, devires. O pensamento de Deleuze rompe com a ideia de que a subjetividade seja o centro da experiência afetiva e propõe uma ontologia da multiplicidade, onde o afeto é aquilo que nos liga aos devires não-humanos, aos fluxos materiais e às forças impessoais da vida. Como destaca Peter Pál Pelbart (2000), um dos principais intérpretes brasileiros de Deleuze, “o afeto é o modo de articulação entre o corpo e o mundo, um meio de constituir paisagens existenciais” (PELBART, 2000). Essa concepção tem implicações políticas importantes, pois permite pensar o campo social não como espaço de sujeitos e identidades fixas, mas como campo de forças em constante variação.

Além disso, a noção de afeto em Deleuze se aproxima da crítica à racionalidade moderna e ao sujeito cartesiano. O sujeito moderno, centrado na autonomia racional e na consciência de si, dá lugar a uma subjetividade aberta, atravessada por devires, multiplicidades e afetos que não podem ser reduzidos à linguagem ou ao reconhecimento. Assim, o afeto em Deleuze é também uma crítica ao humanismo representacional, ao propor uma concepção pós-identitária da experiência. Essa dimensão filosófica tem sido amplamente explorada por pensadores brasileiros contemporâneos, como Suely Rolnik e Vladimir Safatle, que propõem uma leitura política do afeto em contextos de opressão, trauma e resistência. Como



se verá na próxima seção, esses autores tensionam a teoria deleuziana a partir das realidades históricas e sociais do Brasil, revelando como o afeto pode operar como dispositivo micropolítico e força de criação de mundos.

Em suma, a filosofia de Deleuze entende o afeto como intensidade, variação de potência e devir. Ele é o índice de uma vida em processo, uma força que escapa às formas fixas e que aponta para a constituição de novos modos de existência. Ao articular afeto, corpo e acontecimento, Deleuze contribui para uma reconfiguração radical da subjetividade contemporânea, permitindo pensar uma ética e uma política da potência, da diferença e da criação.

2.3 APROXIMAÇÕES BRASILEIRAS CONTEMPORÂNEAS

2.3.1 Marilena Chauí: o afeto como desejo, servidão e liberdade

A obra filosófica de Marilena Chauí é marcada por uma interpretação rigorosa da tradição espinosana, em particular da noção de desejo e sua relação com os afetos. Em seus escritos, a autora brasileira articula uma leitura potente da *Ética de Espinosa*, destacando o papel dos afetos na constituição da subjetividade e das estruturas de dominação e liberdade. Embora não seja uma intérprete direta de Bergson ou Deleuze, Chauí fornece importantes elementos conceituais que convergem com a filosofia dos afetos construída por ambos, sobretudo ao tratar do afeto como força política e ontológica.

No livro *Desejo, Paixão e Ação na Ética de Espinosa* (CHAUÍ, 2011), a autora propõe uma distinção fundamental entre paixões tristes e alegres, retomando o pensamento espinosano segundo o qual todo afeto é uma modificação da potência de existir de um corpo. A alegria, nesse contexto, representa o aumento de potência, enquanto a tristeza indica sua diminuição. Esse esquema, diretamente vinculado à ética do conatus, permite pensar os afetos como indicadores existenciais e não como simples estados emocionais.

Chauí acentua que a servidão humana, isto é, a sujeição a forças exteriores que determinam nossos afetos, está enraizada no desconhecimento das causas que nos afetam. Quando não compreendemos por que somos afetados, somos levados por paixões passivas, tornando-nos vulneráveis à manipulação, ao medo e à obediência. A liberdade, por sua vez, emerge do conhecimento adequado dos afetos, o que implica tornar-se causa de si mesmo, isto é, agir segundo a razão e o desejo. Assim, o afeto não é algo a ser reprimido, mas compreendido em sua lógica imanente:

“Espinosa transforma o problema do afeto em problema ético-político e, com isso, mostra que a constituição do sujeito é inseparável das relações que o ligam aos outros e à ordem da natureza” (CHAUÍ, 2011,).

A partir dessa leitura, Chauí aproxima-se das preocupações de Deleuze, ainda que em outra chave. Ambos pensadores compreendem o afeto como força de constituição do sujeito, mas recusam a concepção



moderna de um sujeito autocentrado, autônomo e racional. A subjetividade, para Chauí, é uma produção histórica e social permeada por afetos que, dependendo de sua configuração, pode gerar servidão ou emancipação. Nesse sentido, os afetos são dispositivos de organização do poder, mas também elementos de sua contestação.

Outra contribuição importante de Chauí é a crítica à ideologia neoliberal e à forma como ela mobiliza afetos tristes, medo, culpa, ressentimento, para consolidar sua hegemonia. Em entrevistas e artigos mais recentes, a autora denuncia o uso sistemático da paixão do medo como instrumento de despolitização e sujeição dos corpos sociais. Aqui, a afinidade com Deleuze e Guattari é evidente: tal como estes apontam a produção de subjetividades reativas no capitalismo contemporâneo (*Mil Platôs*, 1996), Chauí mostra como o neoliberalismo opera por meio da gestão dos afetos, promovendo um ethos de insegurança e autopunição. Nesse contexto, o desejo é compreendido por Chauí como força afirmativa, inseparável do esforço de perseverar na existência. Ao contrário da tradição que opõe razão e desejo, Chauí, seguindo Espinosa, afirma que “a razão é o próprio desejo esclarecido” (CHAUÍ, 2011). Essa afirmação encont

ra vazão em Deleuze, para quem o desejo não é falta, mas produção, conexão e criação. O desejo como afeto afirmativo é, então, uma via de emancipação, uma potência de recomposição da vida em comum.

Por fim, cabe destacar que Chauí concebe os afetos como elementos estruturantes do campo político. Não se trata apenas de pensar a subjetividade, mas as formas de organização da coletividade, os regimes de obediência e os dispositivos de resistência. Ao reivindicar uma política do desejo e dos afetos, a autora contribui para uma filosofia não dualista e não moralizante da experiência, em consonância com a linha bergsoniana-deleuziana que aqui se explora.

2.3.2 Suely Rolnik: o afeto como força política e micropolítica do desejo

Suely Rolnik é uma das principais pensadoras brasileiras a operar uma releitura crítica da obra de Gilles Deleuze e Félix Guattari, articulando seus conceitos ao contexto latino-americano e, em especial, à experiência política e subjetiva do Brasil. Sua abordagem do afeto parte da micropolítica do desejo e de uma crítica radical às formas de subjetivação produzidas pelo capitalismo contemporâneo. Para Rolnik, os afetos não são meras expressões internas, mas vetores de forças que operam sobre os corpos e neles inscrevem regimes de existência.

Em sua obra *Esferas da Insurreição: Notas para uma vida não cafetinada*, Rolnik (2018) argumenta que vivemos sob um “regime colonial-capitalístico de subjetivação”, no qual os afetos são sistematicamente capturados por formas de poder que visam à docilização e à mercantilização da vida. Nesse regime, os corpos são treinados para evitar os afetos que desestabilizam a norma e são impulsionados a desejar apenas



aquilo que confirma o que já está dado. Essa dinâmica, segundo a autora, produz uma espécie de “adormecimento” do sentir:

“O capitalismo cognitivo, com sua lógica de expropriação, age também sobre o sentir, anestesiando o corpo em sua capacidade de ser afetado pela vida em sua potência de criação” (ROLNIK, 2018,).

Nesse ponto, a autora recupera a noção deleuziana de *Corpo sem Órgãos* e a conecta à ideia de *Mapas de Ressonância*, ou seja, formas sensíveis de captar os fluxos de intensidades que atravessam o mundo e o corpo. O afeto, nesse contexto, é entendido como modulação da potência do corpo em sua relação com os fluxos da vida, com os outros, com o tempo e com o espaço. Mais do que uma reação, ele é a própria expressão de um campo de forças que se articula tanto subjetiva quanto coletivamente.

A experiência do afeto, segundo Rolnik, é central para a constituição de uma micropolítica do desejo. Trata-se de cultivar a escuta sensível dos afetos, não como formas sentimentais ou privatizadas, mas como manifestações da vitalidade do corpo e da sua potência de insurgência. Essa escuta exige uma disposição ao risco, à desestabilização das formas instituídas do eu e à abertura para devires que escapam à lógica da identidade. Nesse sentido, o afeto é político não por seu conteúdo moral ou ideológico, mas por sua capacidade de provocar deslocamentos existenciais.

A crítica de Rolnik à captura dos afetos se dirige, em especial, àquilo que ela chama de “cafetinagem da vida”, processo pelo qual as forças criativas do desejo são instrumentalizadas pelo mercado e transformadas em valor de troca. O capitalismo, ao gerir os afetos, fabrica sujeitos exauridos, depressivos e conformados, ao mesmo tempo em que estimula a performance constante e a positividade tóxica. Nesse cenário, o desafio ético-político reside na reinvenção de modos de vida que escapem à colonização do sentir. A autora propõe, então, a reativação das esferas da insurreição como espaços de resistência afetiva. Essas esferas não são instituições formais nem organizações militantes no sentido tradicional, mas redes de corpos sensíveis que compartilham intensidades, práticas de cuidado e experimentações existenciais. O afeto, aqui, é força de contágio e de composição, capaz de sustentar um tecido social não baseado na obediência ou na identidade, mas na coafetação e na criação coletiva.

Essa perspectiva aproxima-se diretamente da filosofia de Deleuze e Guattari, especialmente na valorização dos fluxos, das linhas de fuga e da produção de subjetividade como campo estratégico da política contemporânea. A novidade em Rolnik está na maneira como ela insere esses conceitos no contexto histórico brasileiro e latino-americano, marcados pela colonialidade, pela desigualdade e pela violência estrutural. O afeto, longe de ser um luxo subjetivo, torna-se ferramenta de sobrevivência e de reinvenção cotidiana. Conforme enfatiza a autora:



“É no plano micropolítico que se decide o destino da vida: ou ela será capturada e servirá à reprodução do sistema, ou poderá afirmar sua potência criadora e inventar novos mundos” (ROLNIK, 2018).

Assim, Rolnik contribui decisivamente para a ampliação do campo conceitual do afeto, mostrando como ele se articula a regimes de poder e a práticas de liberdade. Sua proposta de uma clínica-política do desejo, ancorada na escuta dos afetos e na crítica à sua captura, oferece um horizonte teórico e prático de resistência ao esvaziamento existencial promovido pelo neoliberalismo.

2.3.3 Vladimir Safatle: afeto, sofrimento e crítica do sujeito

A filosofia política e psicanalítica de Vladimir Safatle oferece uma contribuição singular à reflexão sobre os afetos, ao articular a noção de sofrimento como um componente estrutural da subjetividade contemporânea. Em suas obras, particularmente em *O Circuito dos Afetos* (2015), Safatle parte da premissa de que os afetos não são resíduos subjetivos da experiência racional, mas estruturas fundamentais da constituição do sujeito e da organização social. Ao mesmo tempo, propõe que os afetos sejam compreendidos como expressões políticas, capazes de revelar os impasses e bloqueios da racionalidade moderna.

Em diálogo com a psicanálise lacaniana e com a teoria crítica, o autor sustenta que a subjetividade moderna está marcada por um circuito afetivo de desamparo, repressão e repetição. A modernidade, ao instituir o sujeito como instância autônoma e racional, reprimiu as forças afetivas que o atravessam e produziu formas patológicas de lidar com o sofrimento. O afeto, nesse quadro, é a via pela qual o sujeito entra em contato com a impossibilidade que o constitui, mas também com as possibilidades de transformação.

Para Safatle (2015), não há política sem afeto, pois é o afeto que move os corpos, organiza os vínculos sociais e orienta as práticas de resistência ou de submissão. Em vez de relegar os afetos ao plano da irracionalidade, como faz grande parte da tradição filosófica moderna, o autor propõe uma teoria materialista da afetividade, em que o sofrimento não é apenas um dado clínico, mas um índice das contradições sociais e da falência das formas instituídas de subjetivação. Como ele afirma:

“A política não é o campo da razão contra os afetos, mas o lugar onde se decide que afetos serão autorizados a circular e quais deverão ser reprimidos” (SAFATLE, 2015, p. 41).

Essa afirmação está em consonância com as perspectivas de Deleuze e Suely Rolnik, mas Safatle introduz uma ênfase particular na relação entre afeto e crítica. Para ele, os afetos operam como formas de expressão da negatividade social, revelando a inadequação entre os sujeitos e o mundo, e abrindo brechas



para a emergência do novo. Nesse sentido, o afeto não é apenas intensidade, mas também denúncia, testemunho do mal-estar e da impossibilidade de reconciliação com a ordem vigente.

Outro ponto central na obra de Safatle é a crítica ao ideal de um sujeito integrado, transparente e reconciliado consigo mesmo. Contra essa imagem, ele propõe a valorização da desestabilização subjetiva como condição de abertura ao outro e à diferença. O afeto, especialmente quando atravessado pela dor e pelo sofrimento, pode desorganizar as formas cristalizadas da identidade e permitir o surgimento de novas formas de estar no mundo. A dor, nesse sentido, não é mero obstáculo, mas elemento constitutivo de uma política do porvir.

Essa concepção do afeto como abertura ao imprevisível e à diferença também o aproxima de Bergson, ainda que de maneira indireta. A ideia bergsoniana de duração como fluxo contínuo e heterogêneo está presente na crítica de Safatle à temporalidade linear e homogênea do sujeito moderno. Ao destacar o papel da memória, do trauma e da repetição no campo afetivo, o autor mobiliza uma noção de tempo que resiste à cronologia e que acolhe o acontecimento como ruptura e como criação.

Por fim, a proposta política de Safatle envolve a construção de uma nova economia dos afetos, baseada na solidariedade, no cuidado e na abertura à vulnerabilidade. Em lugar da gestão neoliberal das emoções, pautada pelo autocontrole, pela positividade performativa e pela negação da dor, ele propõe uma ética da exposição ao sofrimento, capaz de produzir sujeitos menos blindados, mais permeáveis ao comum e à alteridade. Tal projeto exige uma reinvenção dos laços sociais e uma reconstrução das formas de reconhecimento mútuo, o que só é possível a partir de uma escuta atenta dos afetos que nos atravessam e nos constituem.

Em síntese, Vladimir Safatle oferece uma leitura crítica e politizada do afeto, articulando sofrimento, negatividade e emancipação. Sua proposta amplia e tensiona as abordagens de Bergson, Deleuze e Rolnik, ao colocar o afeto no centro de uma teoria crítica da subjetividade e da transformação social. O afeto, aqui, é tanto sintoma de uma sociedade adoecida quanto possibilidade de seu desmonte e reinvenção.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa inscreve-se no campo da filosofia contemporânea, com ênfase nos estudos sobre subjetividade, afetividade e política, sendo orientada por uma abordagem qualitativa, teórica e interpretativa. A escolha dessa abordagem justifica-se pela natureza do objeto de estudo, o conceito de afeto, que exige um tratamento conceitual aprofundado e uma leitura transversal de obras filosóficas e críticas. A investigação parte do entendimento de que os conceitos filosóficos não são meras abstrações, mas operadores que articulam regimes de sensibilidade, modos de existência e práticas de pensamento.



A principal estratégia metodológica adotada foi a análise conceitual e comparativa, tendo como eixo as obras de Henri Bergson e Gilles Deleuze, articuladas à produção de autoras e autores brasileiros contemporâneos, Marilena Chauí, Suely Rolnik e Vladimir Safatle, cujas reflexões tensionam e atualizam as noções de afeto e subjetivação no contexto brasileiro. O critério de escolha dos autores se deu com base em duas exigências fundamentais: a contribuição direta ou indireta à discussão sobre o conceito de afeto; relevância teórica e político-conceitual nos campos da filosofia, da crítica cultural e da micropolítica.

Para a análise das obras selecionadas, utilizou-se a hermenêutica filosófica como referencial metodológico de leitura, entendida aqui não como técnica de exegese textual, mas como processo interpretativo capaz de articular contextos teóricos diversos e fazer emergir tensões e afinidades entre sistemas conceituais. A interpretação comparativa entre os autores privilegiou a análise das variações semânticas do termo “afeto”, suas inflexões ontológicas, éticas e políticas, e os modos como ele opera na constituição do sujeito, das relações e da experiência social.

O corpus principal da pesquisa inclui as seguintes obras: *Matéria e Memória* (BERGSON, 2006) e *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência* (BERGSON, 2005); *Spinoza: filosofia prática* (DELEUZE, 2002) e *A Ilha Deserta* (DELEUZE, 2006); *Desejo, Paixão e Ação na Ética de Espinosa* (CHAUÍ, 2011); *Esferas da Insurreição* (ROLNIK, 2018); e *O Circuito dos Afetos* (SAFATLE, 2015). Além dessas, foram mobilizados comentadores brasileiros como Roberto Machado (2002) e Peter Pál Pelbart (2000), que oferecem importantes chaves de leitura para a recepção e atualização crítica das filosofias de Deleuze e Bergson no Brasil.

A análise foi organizada em três momentos interdependentes: (a) reconstrução das concepções de afeto em Bergson e Deleuze, com ênfase em suas implicações ontológicas e políticas; (b) leitura crítica da produção brasileira contemporânea que dialoga com essas concepções; (c) síntese interpretativa que identifica convergências, contrastes e deslocamentos conceituais entre os autores. Cada momento foi guiado pelo esforço de compreender o afeto não como uma categoria isolada, mas como operador transversal da experiência, articulado ao tempo, ao corpo, à memória, ao desejo e à política.

Importa destacar que, embora a pesquisa não adote procedimentos empíricos no sentido estrito, ela se ancora em um horizonte político-conceitual marcado pela escuta das forças que atravessam o presente. Nesse sentido, a análise filosófica aqui proposta pretende não apenas descrever conceitos, mas ativá-los como ferramentas críticas para pensar os modos de existência contemporâneos, suas patologias afetivas e suas potências de criação.

Por fim, reconhece-se que toda leitura teórica é situada e atravessada por escolhas ético-políticas. Este trabalho assume uma posição crítica em relação à racionalidade instrumental, à lógica neoliberal e à captura dos afetos pela mercantilização da vida, defendendo a necessidade de reativação das forças afetivas como dimensão fundamental de uma política da diferença e da liberdade.



4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 CONVERGÊNCIAS CONCEITUAIS ENTRE BERGSON, DELEUZE E OS AUTORES BRASILEIROS

A análise comparativa das obras de Henri Bergson, Gilles Deleuze, Marilena Chauí, Suely Rolnik e Vladimir Safatle permite identificar convergências fundamentais em torno de uma concepção não representacional, não subjetivista e não emocional do afeto. Em todos esses pensadores, o afeto é concebido como variação de potência, como intensidade vivida e como índice da modificação do ser, mais do que como estado interior, sentimento ou emoção.

Em Bergson (2006), o afeto é aquilo que marca a transição entre a percepção e a ação, uma hesitação do corpo que revela a indeterminação do tempo vivido. Em Deleuze (2002), o afeto é a variação de potência que resulta do encontro entre corpos e forças, sendo inseparável do desejo e da criação. Tanto em Bergson quanto em Deleuze, portanto, o afeto aparece como acontecimento intensivo e como força de recomposição da experiência.

Essa ontologia do afeto encontra ressonância em autores brasileiros como Chauí (2011), para quem os afetos, na esteira de Espinosa, são elementos estruturantes da subjetividade e da ação política. A servidão e a liberdade não são estados puramente racionais, mas efeitos da configuração dos afetos que atravessam o sujeito. Já Suely Rolnik (2018) enfatiza o caráter micropolítico do afeto, entendido como sensibilidade à potência da vida e como meio de resistência à captura neoliberal. Safatle (2015), por sua vez, interpreta o afeto como sintoma e força, como expressão do mal-estar social e como possibilidade de desestabilização criadora.

A convergência fundamental entre esses autores está na compreensão do afeto como categoria relacional, impessoal e processual. Não se trata de uma interioridade subjetiva, mas de um campo de forças que envolve o corpo, o tempo, o desejo e o mundo. Essa abordagem permite uma crítica à cisão moderna entre razão e emoção, corpo e mente, sujeito e objeto, propondo uma reconceitualização da experiência a partir da variação, da diferença e da potência.

4.2 CRÍTICA À RAZÃO REPRESENTACIONAL E À SUBJETIVIDADE MODERNA

Um segundo eixo de análise diz respeito à crítica à razão representacional, que atravessa de modo explícito as obras de Deleuze, Rolnik e Safatle, e está presente implicitamente em Bergson e Chauí. Essa crítica dirige-se à tradição filosófica que reduz o conhecimento à representação e a experiência à consciência do eu, desconsiderando os fluxos intensivos e os movimentos invisíveis que constituem a vida.

Bergson (2005) já havia problematizado a concepção linear e homogênea do tempo, propondo a duração como fluxo contínuo de qualidades heterogêneas. Essa temporalidade afetiva escapa à cronologia e à medida, sendo vivida na forma de contrações, lembranças, hesitações e afetos. Ao mesmo tempo,



Deleuze (2006) afirma que o sujeito moderno é uma construção abstrata, sustentada por modelos de reconhecimento que reduzem o devir a formas estáveis. O afeto, por sua vez, não reconhece, mas transforma. Ele não reflete o mundo, mas o compõe, o atravessa, o altera.

Safatle (2015) retoma esse argumento em chave crítica, ao afirmar que os afetos revelam as falhas constitutivas do sujeito moderno. O sofrimento afetivo não é patologia a ser corrigida, mas índice da inadequação da forma subjetiva dominante, que exige repressão, desempenho e autonomia ilusória. Assim, o afeto é o que escapa, o que desestabiliza, o que denuncia a impossibilidade de se reconciliar com o mundo tal como está instituído. A subjetividade, longe de ser centro da razão, é o campo instável de forças que se chocam e se refazem.

Rolnik (2018), por sua vez, aponta que a razão neoliberal instrumentaliza os afetos por meio de dispositivos de gestão do desejo, promovendo uma subjetividade blindada, anestesiada e domesticada. O afeto que escapa a essa captura torna-se risco, ruído, insurreição. Pensar o afeto é, assim, abrir espaço para o que a razão não pode prever, para a criação de formas de vida que não se encaixam nos modelos preexistentes.

Essa crítica à razão representacional implica também uma crítica à política representativa e à lógica da identidade. Os afetos operam por contágio, ressonância e intensidade, e não por identificação ou correspondência. Eles nos colocam em relação com o que não somos, com o outro, com o devir. A política do afeto, portanto, é uma política da diferença, da multiplicidade, da abertura ao novo.

4.3 O AFETO COMO FORÇA DE RESISTÊNCIA E CRIAÇÃO

Por fim, o terceiro eixo da análise evidencia a dimensão criativa e resistente do afeto. Em todos os autores analisados, o afeto não é apenas índice de variação ou desestabilização, mas também força de invenção de novos modos de existir. Trata-se de compreender o afeto como abertura ao acontecimento, como possibilidade de reconfiguração subjetiva e coletiva.

Para Bergson (2006), a duração é o campo onde a criação emerge, e os afetos são suas expressões sensíveis. A liberdade, nesse contexto, não é um ato da vontade, mas a emergência de afetos que escapam à rotina da ação e à automatização da percepção. Em Deleuze (2002), o afeto é o próprio processo de composição de um plano de imanência, onde corpos, forças e desejos se conectam para gerar novas formas de vida.

Rolnik (2018) aprofunda essa ideia ao propor a escuta dos afetos como prática política e clínica. Escutar os afetos que ainda não têm nome, que resistem à captura, é abrir-se à insurreição do corpo, à criação de redes de cuidado, experimentação e resistência. Safatle (2015) também aponta que a desorganização afetiva pode ser fonte de recomposição coletiva, desde que reconhecida em sua potência de ruptura.



Assim, os afetos não são meramente reativos. Eles são ativos, compositivos, constituem mundos. A política do afeto é, nesse sentido, uma política da criação, uma aposta no porvir que se anuncia no corpo, na linguagem, na memória, na dor, no desejo. Em tempos de esvaziamento das formas tradicionais de engajamento, os afetos podem ser a matéria-prima de uma reinvenção política sensível, que devolva à experiência sua capacidade de afetar e ser afetado.

5 CONCLUSÃO

O presente artigo teve como objetivo investigar o conceito de afeto nas obras de Henri Bergson e Gilles Deleuze, articulando suas formulações às contribuições de três pensadores brasileiros contemporâneos: Marilena Chauí, Suely Rolnik e Vladimir Safatle. Através de uma análise comparativa e interpretativa, foi possível evidenciar que, embora oriundos de tradições filosóficas distintas, esses autores convergem na construção de uma concepção de afeto como força intensiva, relacional e produtiva, que ultrapassa os limites da subjetividade moderna e desafia os modelos tradicionais de representação.

Bergson introduz o afeto como vibração da duração, como hesitação do corpo entre a percepção e a ação, revelando uma consciência encarnada e qualitativa do tempo vivido. Já Deleuze, em diálogo com Espinosa e com a filosofia da diferença, amplia o escopo do conceito ao compreender o afeto como variação de potência, como acontecimento que atravessa os corpos e reorganiza os modos de existência. Ambos recusam a ideia do afeto como emoção interiorizada ou reação passiva, propondo uma ontologia baseada na variação, na intensidade e na criação.

As abordagens de Chauí, Rolnik e Safatle atualizam e tensionam essas formulações no contexto brasileiro, inserindo o debate dos afetos nas dinâmicas políticas, sociais e subjetivas de nosso tempo. Chauí evidencia como os afetos estruturam a servidão e a liberdade, sendo modulados por regimes ideológicos e pelas paixões tristes do neoliberalismo. Rolnik propõe uma escuta micropolítica dos afetos, concebendo-os como forças insurgentes que resistem à captura e desestabilizam o regime colonial-capitalístico de subjetivação. Safatle, por sua vez, destaca o sofrimento como afeto estruturante, capaz de denunciar a falência do sujeito moderno e de abrir caminho para novas formas de laço social.

A análise demonstrou que os afetos são operadores centrais na constituição dos sujeitos e na articulação de práticas políticas, éticas e estéticas. Longe de serem simples estados subjetivos ou dados psicológicos, eles se mostram como elementos transversais que interpelam os corpos, os discursos e os sistemas de poder. O afeto aparece, assim, como dispositivo de resistência e de criação, como potência de transformação ontológica e política.

A relevância desse debate torna-se ainda mais evidente no cenário contemporâneo, marcado pela intensificação de mecanismos de controle afetivo, pela captura do desejo pelo mercado e pela emergência de patologias sociais ligadas ao esvaziamento da experiência. Recolocar o afeto no centro da reflexão



filosófica é também uma forma de reabrir a questão do comum, da escuta, da alteridade e da invenção de modos de vida não hegemônicos.

Como desdobramento futuro, a pesquisa poderá ser ampliada em duas direções principais: por um lado, na interlocução com autores indígenas e afro-brasileiros que articulam o afeto a cosmologias não ocidentais; por outro, no aprofundamento das implicações clínicas e educacionais da escuta do afeto como prática crítica. Em ambos os casos, trata-se de continuar a tarefa, nunca acabada, de pensar os afetos como forças que nos constituem e nos convocam à reinvenção da vida.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERGSON, Henri. *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. Tradução de Yara Frateschi. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- CHAUÍ, Marilena. *Desejo, paixão e ação na Ética de Espinosa*. São Paulo: UNESP, 2011.
- DELEUZE, Gilles. *Spinoza: filosofia prática*. Tradução de Luiz Orlandi. São Paulo: Escuta, 2002.
- DELEUZE, Gilles. *A ilha deserta e outros textos: textos e entrevistas (1953–1974)*. Organização e tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1*. Tradução de Aurélio Guerra Neto et al. São Paulo: Editora 34, 1996.
- MACHADO, Roberto. *Deleuze e a filosofia*. Rio de Janeiro: Graal, 2002.
- PELBART, Peter Pál. *O tempo não-reconciliado*. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- SAFATLE, Vladimir. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.